

SÂNZIO DE AZEVEDO

Rafael Sânzio de Azevedo: Fortaleza, 11.02.1938.
Doutor em Letras pela UFRJ (1980), Professor de Literatura Brasileira,
Literatura Cearense e Teoria do Verso na UFC.
Membro da Academia Cearense de Letras.

DO AUTOR

ENSAIO

A Terra Antes do Homem. S. Paulo, Edart, 1962.
Caminhos da Poesia. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1968.
Poesia de Todo o Tempo. Fortaleza, Edições Clã, 1970.
A Padaria Espiritual. Fortaleza, Casa de José de Alencar, 1970.
A Academia Francesa do Ceará. Fortaleza, Casa de José de Alencar, 1971.
O Centro Literário. Fortaleza, Casa de José de Alencar, 1973.
Literatura Cearense. Fortaleza, Academia Cearense de Letras, 1976.
Apolo versus Dionisos. Fortaleza, Henriqueta Galeno, 1978.
Aspectos da Literatura Cearense. Fortaleza, UFC/ACL, 1982.
A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará. Fortaleza, Secretaria de
Cultura e Desporto/IOCE, 1983.
Dez Ensaios de Literatura Cearense. Fortaleza, UFC, 1985.
Novos Ensaios de Literatura Cearense. Fortaleza, UFC, 1992.

POESIA

Cantos da Longa Ausência. São Paulo, Bentivegna, 1966.
Canto Efêmero. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1986.

ORGANIZAÇÃO

Tentação e No País dos Ianques, de Adolfo Caminha (Rio de Janeiro, J.
Olympio/Academia Cearense de Letras, 1979),
O Pão, edição fac-similada (Fortaleza, ACL, UFC e PMF, 1982),
Poemas Escolhidos de Cruz Filho (Fortaleza, UFC, Col. Alagadiço Novo, 1986).
Antologia da Academia Cearense de Letras (a sair).

PARCERIA

- Ceará. In COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio: FAE, 1990.
- Um poema cearense de Manuel Bandeira. In SILVA, Maximiano de Carvalho e *Homenagem a Manuel Bandeira*. Niterói: Presença, 1989.

- BARROSO, Antônio Girão. O Último Lançamento de Sânzio de Azevedo. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 3.5.86.
- BENEVIDES, Artur Eduardo. Poesia Além do Efêmero. *Revista de Poesia e Crítica*, Brasília, ano X, nº 12, 1986.
- CARVALHO, Francisco. A Poesia de Sânzio de Azevedo. In: *Exercícios de Literatura*. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1990.
- COLARES, Otacílio. Canto Efêmero. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 17.5.86.
- COUTINHO, Afrânio & SOUZA, J. Galante de. da *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio: FAE, 1990.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- NASCIMENTO, F. S. Sânzio de Azevedo Poeta. In: *Apologia de Augusto dos Anjos e outros estudos*. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1990.
- PINTO, José Alcides. Canto Efêmero (e Eterno). *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 22.2.86.
- VASQUES FILHO. Canto Efêmero. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza, 19.6.86.
- VIANA, Dulce Maria. Estética da Dor. *Diário do Nordeste*. Fortaleza, 18.5.86.

POEMA DO FORASTEIRO

Desceu a noite. . . O céu escuro, entanto,
em vez de estrelas
espalha um vasto e nebuloso manto
que aqui e ali se aclara, iluminado pelas
cintilações vivas e intermitentes
dos anúncios luminosos. . .

Altos, de pé, soberbos e angulosos,
dormem os edifícios.

Passeia o povo agasalhado, enquanto
rodas impertinentes
chiam no chão molhado de garoa. . .

Entre o rumor difuso uma sirena ecoa
como uma prece.

São Paulo é triste quando a noite desce. . .

Ou serei triste eu mesmo,
forasteiro que sou? Eu, que vagueio a esmo,
carregando um sol-pôr nos olhos lacrimosos
como o estigma de todos os suplícios?

SONETO

Já que buscas um sonho e não o alcanças,
pastor de enganos, cala a tua avena!
Foram-se todas as ovelhas mansas
que conduzias na manhã serena. . .

Da tua terra fértil mas pequena
tirou-te um dia a sede das andanças!
Partiste, então; mas nessa idade amena
tangias um rebanho de esperanças!

Hoje, nas tardes tristes e vermelhas,
andas a apascentar outras ovelhas,
e estás perdido de intranqüilidades. . .

Buscas (não vês?) um bem que não existe;
e nem percebes que vagueias, triste,
conduzindo um rebanho de saudades. . .

POEMA PARA JUNHO

Madrugada em São Paulo.
Na avenida Rio Branco o vento sopra. . .

Junho sibila, frio, por entre os galhos esguios
das árvores taciturnas. . .

As folhas arrancadas
voam,
giram,
rodopiam no espaço e vêm pousar
no asfalto da alameda. . .

E o poeta forasteiro
sonha poesia na cidade grande. . .

Há carícias de seda muito fina. . .
Quem ficará na rua?
O poeta, apenas,
contemplando a poesia
das folhas se arrastando na alameda. . .

E para ele a madrugada é um poema
de Guilherme de Almeida. . .

(Cantos da Longa Ausência)

GRUPO ANTIGO

Solenes, empertigados,
os poetas d'antanho
(em suas escuras casacas)
olham-nos com seu olhar amarelecido pelos anos. . .

Um dia fixados
num segundo,
de dentro do retrato
olham para o mundo.

Olhos na posteridade,
vestiram casacas escuras,
e da sua atualidade
tentam ver o futuro.

Colhidos pela chapa
nada os envelhece
(apenas o retrato
aos poucos amarelece).

Triunfadores do tempo
(qual o desejaram)
contemplam o presente
do fundo do passado. . .

O PALHAÇO

Um riso vermelho
numa cara branca
serve de prefácio
ao palhaço.

Calças grandes, frouxas,
de xadrez e cores,
dança no compasso
o palhaço.

Um barbante branco
no sapato imenso
serve de cadarço
ao palhaço.

Corre numa tábua
dando cambalhotas;
lança-se no espaço
o palhaço.

Picadeiro sujo,
empanadas pobres,
o circo é o palácio
do palhaço.

Sem direito a mágoas,
sem direito a dores,
brinca sem cansaço
o palhaço.

Só depois de morto
será ele-mesmo:
limpo, sem disfarço,
o palhaço.

MOMENTOS

Há momentos na vida que compensam
a grande, ímense turba de momentos
de angústia e de agonia.

São clareiras de luz na selva escura,
frinchas abertas na aridez dos muros.

Há momentos que valem toda a vida.

O SUICIDA

Pássaro sem asas,
desertor da vida,
arma o vôo e salta
o suicida.

Vem desengonçado
na veloz descida
solto pelo espaço
o suicida.

Êxito ou fracasso,
por que despedida?
Nada diz mais nada
ao suicida.

De repente, um baque.
Passos em corrida
trotam para olhá-lo,
ao suicida.

Olhos espantados
enchem a avenida;
buscam a carcaça
do suicida.

Uma luz gelada
paira indefinida. . .
Cumpre-se a vontade
do suicida.

CAMONIANO

Havendo escuros danos por antolhos,
Devo de não mais ver-vos, por aviso;
Se só em vos lembrar já perco o siso,
Que fora, se vos vissem os meus olhos?

Se pudera dizer-vos, de giolhos,
O que vos nunca hei dito, o vosso riso
Houvera de trocar-me o Paraíso
Em duro campo de ásperos abrolhos.

Se vos amava a angélica figura,
Hoje, de vós assi tão apartado,
Já me endoudece a vossa fermosura.

Porém, Senhora, hei medo da esquivaça:
Mais val Amor não ter experimentado
Que experimentá-lo em troca da Esperança.

CINE MUDO

Roda o carretel.
O feixe de luz fina vara o filme
e joga na tela clara
(em branco e preto quase sem nuanças)
todo um mundo pretérito.

Era o tempo em que luziam os primeiros astros
e as primeiras estrelas
- astronomia de Hollywood. . .

Junto ao piano antigo
o astro move-se e ri sua elegância
de brilhantina e casimira fina.

A estrela pálida se volta
num desdém de pálpebras escuras
em rosto pó-de-arroz.

Renascem lances gelados
nos gestos sem palavras. . .

Um mundo silencioso e doce
rebrotá na trepidação de outro mundo maior e mais amargo.

Roda o carretel.

E quantas vezes rode
(o feixe de luz varando o celulóide)
tantos serão os gestos repetidos
invariavelmente.

E eles, os astros redivivos,
que pensarão de nós, que os renascemos
de um doce remansar de manhãs calmas
para um poente de espantos e apocalipses?

CARPE DIEM

Daqui a alguns anos,
todas as novidades serão velhas.

É ainda mais tarde, quando os calendários
marcarem outro século,
e quando esse outro século for velho,
lápides testemunharão nossa passagem,
efêmera passagem pelo mundo.

É incrível admitir que este momento,
este instante de agora,
novo, atual, moderno,
será passado um dia. . .

Os últimos modelos de automóvel
(que já hoje raros chamam de automóvel)
e os mais modernos aviões
(que um dia se chamaram aeroplanos),
tudo será futuramente
atração de museu. . .

Colhamos (doce ou amargo) o momento presente
antes que ele se torne antigamente. . .

LUAR DA MEMÓRIA

1. SONS DE LUAR

Um alpendre
vivendo várias vidas entre
sombras e sombras de árvores frondosas.

Vultos que se refazem,
flores que revivescem na memória,
vozes, versos talvez. . .

Mas o que brilha
entre as sombras espessas das árvores copadas
é o som quase perdido
que dedos antigos arrancam de cordas metálicas
e o canto estridulo e intermitente

de uma ave bizarra.
Sons que irão ecoar
cantando pelos ares,
varando os tempos,
como sinos num templo
a badalar . . .

Sons que são luars
ou auroras,
enluarando a vida,
amanhecendo o mundo. . .
(Quem sabe era o luar cantando,
ou a suave poesia das coisas rústicas
farfalhando asas brancas
e brilhando brumas de mistério
na alma da criança. . .)

O certo é que outras vidas palpitavam
além das vidas
que se agitavam e freciam
ou se consumiam. . .

2. ASSOMBRAÇÃO

O luar, o luar
colorindo (ou descolorindo?) de mistério
os caminhos de areia,
margeados de arbustos,
sombreados de frondes,
povoados de histórias. . .

Naquele beco cheio de matapastos e carrapateiras,
aparecia assombração:
a coruja voejava, rasgando mortalha,
mas ninguém via o pássaro voando, não. . .

Ouviam-se pios de aves sonolentas,
mas ninguém via as aves também não.

3. A VELHA RUA

A Rua Jaime Benévolo
corria em leito de areia,
areia frouxa e bem clara,
mais clara na lua-cheia. . .

Não muito longe, mangueiras
marcavam o fim da rua,
para lá tudo eram sombras
mesmo nas noites de lua.

Vinham cantigas de longe
chorosas como um lamento:
eram quermesses distantes
ou era o choro do vento?

Um pio de ave noturna
na asa dos ventos tardonhos
banhava o luar de mistério
e enchia a infância de sonhos.

8. BANDEIRANTES E PIONEIROS

As figuras sanhudas e bizarras
dos bravos bandeirantes celebrados
nos compêndios da História
(Fernão Dias Pais Leme, Borba Gato,
Bartolomeu Bueno, o Anhangüera,
e Raposo Tavares e outros mais)
misturam-se aos "cow-boys" que, no cinema,
contam a saga agreste
da conquista do Oeste americano.

E encarnando vultos do passado
(Custer, Buffalo Bill, Wild Bill Hickok)
ou de pura invenção,
na tela do Majestic
movem-se os grandes astros do momento:
Gary Cooper, Joel McCrea, Bill Elliot,
Audie Murphy, Errol Flynn, Randolph Scott,
James Stewart, Tim Holt, George Montgomery, Rocky Lane,
e a coragem brutal de John Wayne. . .

E o menino, feliz, sabe de cor
a morte de Fernão no Sumidouro
e a de Custer, em Little Big Horn. . .

9. O SERTÃO

O sertão, o sertão, coisa distante,
terras longe demais, sem edifícios,
nem pancada de mar, nem automóveis,
terras cheias de mato, rios, pedras,
homens embrutecidos, empedrados,
caboclos minerais de barba hirsuta,
lembrando histórias ásperas de crimes
onde o ferro se tingem em sangue e pranto,
ou no fogo avermelha e perde a têmpera. . .
O sertão nunca visto, só sabido
(ou sonhado) pelas histórias velhas
ouvidas, revividas. Ou relidas
nas páginas dos livros. Cada nome
um poema: Inhamuns, Icó, Mombaça,
Orós, Saboeiro, Lavras, Quixadá. . .
(Sertão mais tarde visto e mais amado,
mais belo que a mais bela narrativa,
mais poesia que o verso mais louvado. . .)

10. O MAR

O mar! Um mundo verde
de águas enormes, indo e vindo,
num balanço teimoso de ondas
e num morrer-se cansado em espumas. . .

Conchas róseas na praia
com jangadas ao longe,
e mais longe o farol
que se esfuma no fim do dia
de sal e sol.

Imagens que se esmaecem
em salsugem, amarugem e maresia. . .

SONETOS DE TEMPOS VÁRIOS

I

O papagaio traz no bico a sorte
do transeunte da cidade grande;
dragões de ferro andam semeando a morte
mas o realejo em música se expande.

Fanhoso, ele renasce a velha valsa
que sobe com o barulho da avenida.
Juntas as vozes se afigura falsa
alguma delas na manhã perdida. . .
Saias-balão, casacas e cartolas
misturam-se aos "blue-jeans" e minissaias:
gemem sirenas, rangem grafonolas,
cresce o edifício em meio às samambaias.
Rugem motores de hoje antigamente
ou cantam flautas de ontem no presente?

II

Eu sou aquele que não forja o barco
sem de água pressentir o indicio ao menos.
Longe outros levem de seu reino o marco;
fico nos meus domínios mui pequenos. . .
Mostrou-me o tempo os dedos multicores
e me tomou as mãos. Desde esse dia,
eu sou aquele que procura as flores
onde somente as encontrar podia.
Sem me forçar, eu sou. Daí, meu canto,
nem tanta vez agreste nem sonoro,
brilhar espadas fulvas quando canto,
e arrebanhar penumbras quando choro.
Eu sou aquele a quem lhe basta o sesmo
do exíguo território de si mesmo.

III

Meu canto não é flor: não se revela
suavemente ao plácido fríume
das castas madrugadas, nem se estrela
ao pôr-do-sol, em laivos de perfume.
Também não se desvenda em violinos,
alando adágios das mais puras notas,
nem na quietez de rios cristalinos
gorgolejando nos desvãos das grotas. . .
Meu canto quase sempre é só gemido,
é como um crepitar, que vem de dentro,
quando me pesa o espírito poluído
e, condensado em dores, me concentro.
Meu canto é quase sempre puro pranto;
por isso, alegre, eu raramente canto.

TROVAS

Às vezes me desespero
com uma tristeza tamanha,
que só me lembro de Antero
e de Camilo Pessanha.

Quando escuto nas mansardas
uivar o triste rafeiro,
lanço em voz alta as bombardas
do velho Guerra Junqueiro!

Ao ver um cão, um mendigo,
um bêbado e um operário,
vou recitando comigo
um poema de Cesário. . .

Minha alma de dor se cobre
se sonho o Porto ou Lisboa:
- lembranças de António Nobre
e de Fernando Pessoa!

SONETO CARIOCA

Há um homem só. O vento vai soprando
a claridade azul deste domingo.
Cerveja, futebol, mulatas, samba,
carros no asfalto: roncões e buzinas.

Mas o homem só, vendo a cidade bela,
aguarda apenas a hora da partida.
(Doloroso, esperar!) E, enquanto espera,
vai garranchando uns versos de improviso.

Que importa ao Rio se um poeta obscuro,
em hora tão prosaica e tão absurda,
tece poemas de amor ou desamor?

Nada. No entanto, escreve. E, nesta tarde,
ele quase acredita no milagre
de transformar em verso as suas dores.

DÚVIDA

Terá alguém a vida exatamente
como sempre sonhou?

Ou será que todos,
por mais felizes que susponham ser,
não terão algumas vezes experimentado
o susto de estar de repente acordado
com toda a consciência do absurdo da vida,
e a sensação brusca de ter tomado o ônibus errado?

(Canto Efêmero)

A CORUJA

A coruja, avejão da noite morta,
é mancha clara contra os céus escuros;
seu canto estranho, que as mortalhas corta,
só desperta pavores e esconjuros.

Pousada entanto na árvore ou na porta,
não lembra duendes trágicos e obscuros:
é uma ave, apenas, a quem não importa
a predição fatal de maus futuros.

É uma ave, sim, mas ave, todavia,
de raro sortilégio, que extasia,
quando voeja pelos céus escamos.

É real, mas densa de mistério, em suma,
de vôo impresentido, asas de pluma,
como num conto de Moreira Campos. . .

ODE (EM FORMA DE SONETO) AO POETA

ARTUR EDUARDO BENEVIDES

Mesmo nascido para as longas viagens,
não foste marinheiro. Todavia,
teu sonho de viajar não foi frustrado:
não te perdeste em vãs infantarias.

Bem maiores que os périplos sonhados,
e os que lograste realizar na vida,
são os caminhos de signos e metáforas
que percorres nas asas da poesia. . .

Operário do sono, é teu destino
recriar o mundo e decifrar esfinges,
cantar a morte, o amor, a terra e o mar.

E é tão sagrado o rito que professas,
que enquanto houver quem preze a arte do verso,
o fulgor do teu canto há de ficar.

50 ANOS

Foram-se os dias de fruir, sorrindo,
o que se esvai, perdido na distância:
o anteontem que hoje nos parece lindo,
e que se chama simplesmente infância.
É natural que ao tempo se desmontem
os castelos azuis da mocidade;
voaram também os devaneios de ontem,
transformando lembranças em saudade.
Chegou o momento da colheita. Agora,
colhe-se a messe de ouro ou o grão obscuro:
foram-se os tempos de sonhar. É a hora
em que pouco nos resta de futuro.

Hora de olhar, alegre ou tristemente,
para o sol que descamba no poente. . .

(Inéditos)

POESIA ALÉM DO EFÊMERO

ARTUR EDUARDO BENEVIDES

Sânzio de Azevedo tornou-se nacionalmente conhecido, sobretudo na área universitária, por suas pesquisas sobre a Literatura Cearense e trabalhos outros, de caráter interpretativo, no campo do ensaio e da História, referentes à evolução do processo literário no País. Não satisfeito, fez-se Mestre e Doutor em Literatura, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e publicou sua tese, realmente significativa, sobre o Simbolismo.

Tudo isso, porém, se foi bom para o seu nome, como pesquisador e analista do fenômeno cultural, prejudicou um pouco a divulgação de sua obra poética, mesmo porque ele pertence àquela categoria que Manuel Bandeira chamou de bissexto, com produção pouco numerosa, embora de excelente qualidade.